

Transtornos do Espectro Autista à Luz da Psicanálise
João, um menino doce

Transtornos del espectro autista a la luz de psicanálises
João, un chico dulce

Autistic spectrum disorders in the light of psychoanalysis
John, a kind boy

AUTORA: Diva Aparecida Cilurzo Neto

São Paulo

2014

Resumo: O presente trabalho objetiva demonstrar o percurso psicanalítico desenvolvido entre uma criança portadora do Transtorno do Espectro Autista e sua analista. A partir do relatado, desvela-se o sofrimento desta criança na busca do contato consigo mesma e na procura de outras possibilidades de ser e estar no mundo. Durante o processo, evidencia-se uma profunda imersão em camadas psíquicas arcaicas, o encontro do analisando com angústias talâmicas e subtalâmicas, bem como o empenho da dupla no desmantelamento de defesas psíquicas, tais como a concha autística e a adesividade identificatória. Por meio do presente estudo, questionam-se as condições psíquicas do analista para lidar com este sofrimento, na contemporaneidade.

Palavras Chave: Psicanálise infantil, Transtornos Autísticos, Capacidade Negativa, Simbolização, Concha autística.

Abstract: This paper aims at showing the psychoanalytic journey developed into and between a child with autism spectrum disorder and its analyst. From the reported, the suffer of this child in the search of contact with itself, and in the search for other possibilities of being in the world is revealed. During the process, it became evident its immersion into archaic psychic layers, its discover of thalamic and subthalamitic anguish, and also the commitment of the pair on the decommissioning of psychic defenses, such as autistic shell and identificatory adhesiveness. Through this study, it is questioned the psychic conditions of the analyst to deal with this suffering, in contemporary times. **Keywords:** Child Psychoanalysis, Autistic Disorders, Negative Capability, Symbolization, Autistic Shell.

Resumen: El presente trabajo pretende demostrar la marcha psicoanalítica desarrollada entre un niño con trastorno del espectro autista y su analista. Mediante lo reportado, se revela el sufrimiento de este niño en busca de contacto con sí mismo y a encontrar otras maneras de ser en el mundo. Durante el proceso, se evidencia una profunda inmersión en estadios psíquicos arcaicos, El encuentro del analizando con angustia y talâmicas subtalâmicas, así como el compromiso de la pareja en el desmantelamiento de las defensas psíquicas, como cascarón autista y la adherencia identificatória. A partir do descrito si cuestiona las condiciones psíquicas del analista para lidiar con este sufrimiento, en tiempos contemporáneos.

Descriptores: Psicoanálisis de niños, trastornos autistas, capacidad negativo, simbolización, Cascarón autista.

“Autismo”

“Sob o olhar Psicanalítico”

Em 1943, Léo Kanner nomeia, define e caracteriza o “autismo infantil precoce.” Uma tríade de prejuízos caracteriza seu portador, ou seja: prejuízo qualitativo na interação social, prejuízo qualitativo na comunicação verbal e não-verbal, e no brinquedo imaginativo e por fim, comportamento e interesses restritivos e repetitivos. A partir daí surgem inúmeros referenciais teóricos e metodologias para o estudo do Autismo, contudo, é a teoria psicanalítica que por mais de quatro décadas lidera os estudos a respeito.

As barreiras de isolamento psíquico recorrente no autista são alvo da atenção e da preocupação da psicanálise. Observações clínicas evidenciam uma hipersensibilidade psíquica do bebê, falhas na modulação das pulsões e na organização das defesas e, o decorrente impedimento no desenvolvimento de uma verdadeira relação objetal.

A partir desses estudos surge a figura de um bebê sensível¹, sem aparato psíquico suficientemente desenvolvido para lidar com experiências precoces de separação. Um bebê que irá ser flagelado pelo terror, um terror sem nome cuja impossibilidade de desintoxicação dos sentimentos de luto, ligados à falha do *rêverie*² materno irá se configurar em uma vivência catastrófica, a qual ele terá mínimas condições de transformar.

Em lugar da construção de um continente esse bebê sensível, formará uma cápsula de recolhimento, na qual irá se ilhar da realidade, “a concha autística”³. A oscilação PS ⇔ D será congelada; no que se referem às vivências depressivas. O bebê perderá a condição de articular e transformar as experiências e com isso será destituído da capacidade de integração egoica. Preso a sensorialidade, a uni e a bidimensionalidade⁴

¹ CORTINAS (2007)

² BION (1962) destaca a importância da função acolhedora e pensante da mãe “*reverie*” materno como elemento fundamental para o desenvolvimento do aparelho psíquico do bebê.

³ TUSTIN (1981-84) salienta o uso por parte da criança autista da carapaça psíquica e a utilização, de forma ritualista e repetitiva de um objeto, objeto este desprovido de seu aspecto simbólico.

⁴ MELTZER (1975) desenvolve a teoria do dismantelamento psíquico, da desmentalização, e do funcionamento psíquico baseado na uni, na bidimensionalidade por parte destas crianças. Fala de um tipo de identificação peculiar a identificação adesiva como forma de estabelecer um esboço de contato.

no pensar e no agir, perderá a condição do brincar criativo. Surgirá uma brincadeira mecânica destituída de vivacidade e da função comunicativa. A falha da função alfa levará a um prejuízo da fala e do desenvolvimento cognitivo-emocional de modo geral, formando um círculo vicioso destrutivo.

Será deste bebê sensível que irei discorrer a seguir. A partir de uma postura cuidadosa, na qual será priorizado o diálogo clínico, os impasses e as transformações do analista e do analisando, tentarei demonstrar todas as tentativas de desfazer este círculo maligno, no qual o terror e a fragmentação imperavam. Irei falar de “João, um menino doce”.

Os primeiros encontros com:

João, um menino doce

“Ele nunca olhava no rosto das pessoas. Quando mantinha algum contato com as pessoas, ele tratava, ou partes dela, como se fossem objetos.” (KANNER, 1943)

Difícilmente os pais procuraram ajuda profissional por observação própria, na maioria das vezes eles chegam indicados por profissionais de outras áreas ou pela escola. Assim aconteceu com os pais de João. Ligaram, marcaram um encontro e, pontualmente compareceram à entrevista. Eles haviam sido indicados pela fonoaudióloga, que já trabalhava com João há um ano e meio.

Chegaram cansados, após uma peculiar peregrinação pelos consultórios de outros profissionais. João era seu primeiro filho e eles estavam muito assustados, pois a escola a cerca de um ano e meio os havia chamado e pedido para procurarem ajuda. João não se comunicava com os colegas, não falava, seu olhar era vago, se distraía com um único brinquedo por horas até que a professora o chamasse e o levasse para outra atividade, sem o tocar, pois ele chorava se isso acontecesse. João tinha mais um irmão, um ano mais novo, que brincava, corria e interagia bem com outras crianças e adultos.

O casal estava impactado, pois uma profissional de renome havia diagnosticado João como autista, e isso era inconcebível para eles. Quando me relatam isto penso no abalo narcísico que a percepção de um filho que difere das crianças da mesma idade ou com necessidades especiais acarreta. O medo de entrar em contato com esta realidade, com a possível irreversibilidade de uma situação, o terror de viverem esta dor.

Os pais não sabiam mais como lidar com a situação, estavam confusos, tinham perdido seus referenciais como pais, não sabiam o que fazer. A mãe lia histórias, trazia filmes, chamava sua atenção para tudo que acontecia, mas João voltava para o seu mundo. O pai se mostrava mais calmo, mas a mãe estava em pânico, apresentando um estado de excitação e angústia transbordante. Esta se sentia culpada, pois havia tomado antidepressivos enquanto amamentava a criança, havia tido depressão pós-parto. Cobrava respostas. A família explicitamente não procurava ajuda, mas uma fala mágica que lhes afirmasse que a saúde emocional daquela criança era perfeita, que tudo passaria com o tempo.

Mediante o apresentado pelos pais marquei duas sessões uma somente com João e uma com toda a família. No dia marcado João veio, entrou com a babá. Ele estava com três anos e meio, era uma criança miúda, de rosto suave e olhar perdido. Ambos se sentaram e pedi para que a babá se mantivesse o mais silenciosa possível. João se manteve sentado e em silêncio. Eu estava diante de uma criança que respondia nada ou muito pouco aos estímulos do seu entorno. Seu olhar era vago, perdido no vazio, sem brilho.

Passado algum tempo ele se levanta e pega um carrinho todo vermelho. Ao contrário da posição inicialmente escolhida, desta vez ele se senta de costas para mim. João movimentava o carrinho para frente e para trás ininterruptamente. Percebo que aquele carrinho não estava sendo usado pela sua função simbólica, era um objeto autista. O contato sensorial com o carrinho vermelho parecia lhe trazer conforto. Penso que ritualisticamente aquele carrinho tinha se transformado em uma nova parte do corpo de João.

Através de minha observação tentava aprender com aquela criança sobre sua constituição psíquica. Quais qualidades de fenômenos emocionais que se evidenciavam e quais as modalidades de contato. Sua linguagem era pré-verbal, estereotipada. Sua fala era um emaranhado de sons, os quais às vezes, eu conseguia entender algo. Contudo

algo havia me chamado a atenção, à medida que eu tentava sentar em sua frente ele se virava de costas. Havia uma comunicação, um esboço de *self*, algo dentro daquele menino se comunicava com o externo, com o real, e isto me trazia esperança de uma futura percepção tridimensional.

Chegou o dia da sessão com a família. Pai, mãe, irmão babá, João e eu, todos entramos na sala. Novamente o contato sensorial se deu com o carrinho vermelho. Movimentos repetitivos. A mãe chamava a atenção de João para todos os objetos da sala, às vezes ele olhava, mas voltava para seu carrinho. Ao final da nossa sessão João não queria sair. Jogou-se no chão e gritava, fazendo birra. A mãe e a babá tentavam convencê-lo, mas nada o fazia parar, até que pedi para que todos se dirigirem para a porta, pois a sessão havia terminado. João ainda chorando se levanta e sozinho vai atrás deles. Reflito se não estaria ali se delineando um arcabouço de transferência positiva, pois ele ouvira minha fala e mesmo contrariado aceitara o limite. Haveria um esboço de desejo, de confiança em ser compreendido pelo objeto analista?

Chegou o momento de falar com os pais sobre o percebido em João. Como dizer a uma mãe o que ela não conseguiria ouvir ou admitir; que seu filho tinha um transtorno autista? Meu único recurso foi dizer que João tinha um transtorno global do desenvolvimento. Disse ao casal que não sabia qual seria o ritmo do desenvolvimento futuro de João, mas meu objetivo analítico era ajudar aquela criança a emergir das camadas profundas de sua prisão psíquica, prisão esta que o protegia tal qual uma concha protege uma pérola, mas que o impedia de viver realisticamente.

A Caminhada

O que são e quais serão nossos caminhos?

Uma eterna incógnita para nós e para quem nos acompanha!

Foi assim que comecei minha caminhada com João, no escuro. Não sabia qual era o melhor caminho, o importante era estar com João, seguir seu script, sem memória ou desejo, tentando ser para ele uma companhia viva.

João inicialmente era acompanhado até a porta da sala de Ludoterapia pela babá. Ele entrava e com olhar choroso sentava-se no chão sem emitir um único som. Sentava-se de costas para mim. Às vezes ficava estático pelos nossos longos cinquenta minutos. Seu silêncio me invadia. Eu tentava pensar que aquele comportamento era esperado, mas a solidão daquele menino abria um buraco fundo dentro de mim.

A mãe “havia me instruído” a falar muito com João. Mas talvez contratransferencialmente eu soubesse que aquela criança precisava parar de ser bombardeada pela ansiedade alheia. Talvez ele precisasse ouvir o seu silêncio, descobrir a vontade, o desejo e o movimento.

Nunca minha *capacidade negativa*⁵, ou seja, minha capacidade de tolerar ambigüidade, paradoxo, incerteza, mistério e dúvida, foi tão convocada por um paciente. Silenciosa, mas reflexiva deveria resistir à dispersão, a minha própria ansiedade gerada pelos limites do não saber

Três vezes por semana a situação se repetia. João chegava sentava de costas e assim permanecia. Às vezes pegava o carrinho vermelho e ritualisticamente o movimentava para frente e para trás. Durante esses momentos eu tentava falar com ele, fazer um comentário sobre o carrinho de bombeiros, mas minhas palavras se perdiam em seu silêncio.

Seis meses se passaram: sem um gesto, sem um som, até que um dia percebo que João, ainda sentado de costas para mim, começa a se aproximar, chegando a encostar-se em meus joelhos. Isto acende uma luz em mim. Eu me perguntava: Será que João estaria começando a estabelecer algum contato comigo? Será que começava a se abrir uma pequena fenda em sua concha autística? Tento montar com ele uma narrativa ampliar nosso contato, lhe ofereço uma música. Posiciono-me em sua frente e começo a cantar e a bater com os pés no chão buscando o ritmo do tambor para a canção “Marcha Soldado. João parece se envolver na experiência musical. Percebo um olhar que, muito esporadicamente cruza, com o meu.

⁵ BION (1970) desenvolve este conceito a partir dos escritos de John Keats (Carta a George e Thomas Keats de dezembro de 1817). Capacidade Negativa consiste na capacidade de suportar em meio à incerteza: o mistério e a dúvida, resistindo à dispersão, à ansiedade e à angustia do não saber.

Estávamos caminhando, será? Sim eu acreditava! Quantas idas e vindas. Pensava no imaginário e como o desenho, fosse ele uma garatuja ou não, poderia nos possibilitar o acesso a ele. Os lápis começaram a fazer parte de nossas sessões. João tinha extrema dificuldade de segurá-los, sua tonicidade era muito debilitada. Mas íamos fazendo o que podíamos. Às vezes pegava um lápis para desenhar e oferecia um a ele. Ele o pegava e o segurava com muita dificuldade. O traçado de João não tinha figurabilidade ainda. Então eu começava a desenhar a figura humana, na frente dele, sempre um menino. Em meu traçado ia deixando partes por fazer. Para completá-las, eu buscava em João as partes faltantes. Dizia: *“Nossa falta algo neste menino”*, e tocando em seu rosto adicionava. João ria. Lentamente João começa a aceitar o convite para desenhar e juntos, vamos completando o rosto ou o corpo humano, ainda incompleto. Penso na visualização do corpo através dos desenhos feitos por nós dois. Estaríamos através do pictórico, dando existência a João? A palavra pode representar sentimentos, porém as imagens os evocam; diz-nos Botella (2003). Acredito que havia um pictograma afetivo em evolução.

Algo muda um pouco a rotina de nossas sessões. João começa a ter vontade de ir ao banheiro toda sessão, só que tinha que ser o meu banheiro. Algo me chama a atenção. João não sabia se higienizar sozinho. Quando terminava de evacuar ou urinar, ele enfiava sua cabeça entre minhas pernas, para que eu o higienizasse. Nesses momentos tinha a impressão que João queria entrar em mim de forma regressiva e pulsional. Penso que ao se separar de partes de si, (urina e fezes) sua angústia de aniquilamento se potencializava. Em seu desespero, João via no interior da mãe analista o único lugar assegurador, continente; no qual poderia se refugiar, sentindo-se contido.

Após o ritual do banheiro, no retorno à sala de Ludoterapia, João passava pela minha sala de estudo. Diante da estante de livros ele parava e olhava, manipulava os pequenos enfeites que lá estavam, e frequentemente levava um para a sala de ludo. Suas escolhas me mobilizavam pela delicadeza e pelos comentários, confusos nas falas mais sensíveis. Sentia como se João quisesse conhecer meu mundo interior e trazê-lo para o seu, para talvez dali se assegurar da possibilidade de suportar o mundo externo.

João agora, falava com mais facilidade, mas seu olhar ainda se perdia no vazio. Ele já me dirigia a palavra, mas não conseguia me olhar diretamente. Reflito sobre a solidão e

sobre a angústia sentida por alguém que não sabe se é ouvido. Penso na linguagem inconsciente do bebê ⁶ e na escuta carinhosa da mãe. João teria tido esta experiência? Precisava estabelecer uma comunicação com aquele menino perdido. Começo a andar pela sala desorganizadamente, perguntando: *“Ouço uma voz, mas não vejo ninguém. Parece que alguém quer falar comigo, mas não o vejo. Alguém me chama, mas eu não consigo ver. Voz onde você está?”* Repito varias vezes isto. João começa a se irritar. Eu andava pela sala agitadamente, tentando talvez reproduzir uma situação de caos, de desespero, de confusão. Situação esta que intuía que João muitas vezes teria vivido. João cada vez mais irritado andava atrás de mim, repetindo seu pedido inicial. Até que algo acontece, ele me puxa pela blusa e diz: *“Tô aqui, olha meu olho”*. A partir daquele momento fizemos um pacto, precisávamos nos ver para poder brincar, estar juntos. Nosso “combinado” demorou anos para se consolidar como uma rotina, mas estava ali lançado um significativo ícone sensorial do contato humano, o contato visual.

Nossas brincadeiras eram repetitivas, mas lentamente iam ampliando sua complexidade e sua vivacidade. Bonecos, livros, carrinhos, alguns desenhos sobre temas de seu interesse. João era um menino curioso, seus livros preferidos eram sobre geologia, mundo marinho e o atlas. Adorava falar, mesmo que embaraçadamente sobre os vulcões e a lava incandescente, seu sonho era ser mergulhador. Nestes momentos intuía que talvez na transferência, João quisesse descer até o fundo de sua mente, para poder entender o que lá havia. Semana após semana ele se debruçava sobre a areia e brincava com os animais marinhos. Eu, ao mesmo tempo em que brincava com ele, o observava e me perguntava qual seria o sentido psíquico desta fixação pelo mundo marinho?

Sua insistência para ser mergulhador me chamava à atenção. Durante uma sessão João afirma que, lá, no fundo do mar, teriam tubarões bonzinhos que iriam brincar com ele, que ficaria lá para sempre. Intuo que, psiquicamente, João desejava voltar ao ventre materno para ilhar-se do contato com o mundo real. A partir dessa minha percepção digo a ele que havia uma regra de segurança impedindo que qualquer mergulhador descesse sozinho a grandes profundidades do mar. Afirmo que não existiam tubarões bonzinhos, normalmente eram muito agressivos. João contrariado repete várias vezes: *“Não! Tem sim tubarão bonzinho. Eu vô chozinho”*. Escuto sua fala e começo a falar da

⁶ LAZNIK-PENOT (1995, 1998, 2011)

solidão da maioria das criaturas marinhas. Os peixes não se olhavam, não se relacionavam, apenas tinham o mesmo habitat. Eram criaturas solitárias. João parece ter ouvido algo catastrófico. Seu rosto se apaga e ele chora. Nas sessões subsequentes João ao entrar na sala, para, olha para o tanque de areia longamente, mas não se debruça mais sobre ele para brincar. Penso: teria sido acertado dar aquele dado de realidade para aquele menino?

João lentamente começa a se envolver com quebra-cabeças. Sinto neste movimento uma tentativa de integração. Psicicamente, João já não se conformava em ser um amontoado de partes soltas, ele podia conceber, mesmo que primitivamente, inconscientemente a unidade. Seu desempenho na escola melhorava cada vez mais. Começava a aprender as primeiras letras. Sua professora habilmente havia lhe ensinado alguns “truques” para pegar no lápis e sua coordenação havia melhorado consideravelmente. Nas reuniões com a professora, ela relatava que às vezes ele se arriscava a brincar com o amigo Pedro, que o protegia da troça dos colegas.

Nosso trabalho já durava quatro anos. João estava com sete anos e teria de mudar de escola. Configurava-se um rito de passagem, e todos nós estávamos apreensivos: a família, a fonoaudióloga e eu. Eu me perguntava: João estaria pronto para entrar no mundo letrado, com todas as exigências que este impõe? Sim, ele estava, e as letras foram se tornando palavras, que ele escrevia melhor do que falava. Em nossas sessões já existia espaço para o jogo. Robamonte, Jogos da memória variados e jogos de quebra-cabeça mais complexos. Ao final de cada sessão nos olhávamos, e nos despedíamos. Nosso caminho continuava e continuaria por muito tempo, mas estaria sempre ancorado no desejo de um brincar, de um viver cada vez mais autêntico e comunicativo.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho não foi discorrer teoricamente sobre o autismo, mas compartilhar com o leitor um processo de parceria psicanalítica, no qual o movimento da analista procurou buscar meios de promover no analisando a construção e o fortalecimento do processo de simbolização.

Os fluxos oscilatórios de João durante o processo analítico foram intensos e constantes, provocando angustias, desejos e muitas inquietações. Mas como nos alerta Almeida (2008): o investimento desejante do analista frente a movimentos de aproximação e afastamento no trabalho com portadores de os transtornos autísticos deve ser observado à luz da contratransferência para que não subvertam o processo da dupla analítica. Mas como nos esclarece Bion: para conduzir uma análise é preciso ter “Fé” na resposta criativa de seu próprio inconsciente e na do analisando, que busca “O”, a Verdade sobre a realidade última: infinita, impessoal e indivisível.

Para finalizar, posso dizer que fui aprendendo a respeitar João: nos seus conteúdos, nas suas dores, na sua fragilidade, nas suas potencialidades e qualidades. Mas: sobreviver ou perecer, persistir ou desistir, continuar ou parar, viver ou morrer, são as “oscilações conflitantes” que temos de enfrentar ao longo da vida. Nosso processo psicanalítico continua o e caminho está aberto: para o novo, para o incerto, para a vida...

Referências Bibliográficas

- ALVAREZ, A. (1994). In: *Companhia Viva: psicoterapia psicanalítica com crianças autistas, borderline, carentes e maltratadas*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994
- BION, W. R. (1962). O Vínculo entre os Objetos. In: _____. *O Aprender com a Experiência*, (1ª. ed.). Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- BION, W. R. (1970). Capítulo Treze – Prelúdio à Consecução ou seu Substituto. In: _____. *Atenção e Interpretação*, (2ª. ed.). Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- BOTELLA, C. e S (2003). Figurabilidad y trabajo de figurabilidad. In: *La Figurabilidad Psíquica*. Buenos Aires: Amorrortu.
- CORTINAS, P. L. (2007). *La Dimension estética de La mente, variaciones sobre um tema de Bion*. cap. 8-9, Buenos Aires: Ed. Del Signo, 2007.
- GREEN, A. (2001) *El Tiempo Fragmentado*, Buenos Aires, Amorrortu
- KANNER, L. (1943). Os Distúrbios Autísticos de Contato Afetivo. In: ROCHA, P. S. (Org.) (1997) *Autismos* (pp. 111-170), São Paulo, Escuta, &. In: AJURIAGUERRA, J. (1976). *Manual de Psiquiatria Infantil*. Rio de Janeiro: Masson do Brasil, 1980, (pp. 669-677).

- KLEIN, M. (1930.) A importância da formação do símbolo no desenvolvimento do ego. In: _____. *Melanie Klein: Amor Culpa e Reparação e outros trabalhos (1921-1945)*. Volume 1 - das Obras Completas de Melanie Klein. (4ª. ed.) Inglesa. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____ (1946), “Notas sobre alguns mecanismos esquizóides” In: _____ *Melanie Klein: Inveja e Gratidão e outros trabalhos (1946-1963)*. Volume III das Obras Completas de Melanie Klein. Tradução da 4ª. ed. Inglesa, Elias M. da Rocha Barros e Liana Pinto Chaves, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1996.
- LASNIK, M. C., (1995). In: *Rumo à Palavra: três crianças autistas em Psicanálise*, São Paulo, Escuta.
- LIZONDO, A. B. D. (2004). Alerta ante as potencialidades de uma filiação simbólica e os perigos de uma filiação obscura. São Paulo: SBPSP, 2004. 15 p. (Apresentado em: Encontro Regional da SBPSP, 2, São Paulo, 28 ago. 2004).
- MELTZER, D., (1975). Identificação Adesiva. *Jornal de Psicanálise*, ano 19- no. 38, 40-52, 1986.
- MENDES DE ALMEIDA, M. (2008). O Investimento desejante do analista frente a movimentos de afastamento e aproximação no trabalho com transtornos Autísticos: impasses e nuances. In: *Revista Latinoamericana de Psicanálise*. (8), 169-84.
- TUSTIN, F. (1987). Reflexões sobre o Autismo Psicogênico com especial referência a um Ensaio de Melanie Klein, In: _____. *Barreiras Autistas em Pacientes Neuróticos*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.